

**CONTEM
PORANEA**

4

**grande
revista
mensal**

de todo o Mundo civilisado, sómente porque uma minoria de imbecis e incompetentes assim o entender.

Porque não entregaram esse trabalho a pessoas idoneamente competentes?

Façam como os grandes políticos de todo o mundo: — Se não são Artistas pela Graça de Deus, finjam ao menos que o são, e tenham vergonha que já teem idade para isso...

E andaram Gago Coutinho e Sacadura Cabral a perder o seu tempo...

DE NEWCASTLE-ON-TYNE

Alvaro de Campos

ESCREVE Á "CONTEMPORANEA"

Meu querido José Pacheco:

Venho escrever-lhe para o felicitar pela sua *Contemporanea*, para lhe dizer que não tenho escripto nada, e para pôr alguns embargos ao artigo do Fernando Pessoa.

Queria mandar-lhe tambem collaboração. Mas, como lhe disse, não escrevo. Fui em tempos poeta decadente; hoje creio que estou decadente, e já o não sou.

Isto de mim, que é quem mais proximo está de mim, apesar de tudo. De si e de sua revista, tenho saudades do nosso *Orpheu*. V. continúa subrepticamente, e ainda bem. Estamos, afinal, todos no mesmo lugar. Parece que variamos só com a oscillação de quem se equilibra. Repito-lhe que o felicito. Julgava difficil fazer tanto bem aos olhos em Portugal com uma coisa impressa. Julgo bom que julgasse mal. Auguro á *Contemporanea* o futuro que lhe desejo.

Agora o artigo do Fernando. Com o intervallo entre a primeira palavra d'esta carta e a primeira palavra d'este paragrapho, já quasi me não lembra o que é que lhe queria dizer do artigo. Talvez pensasse em dizer exactamente o que vou escrever a seguir. Emfim, prometti, e digo o que sinto agora, e segundo os nervos d'este momento.

Continúa o Fernando Pessoa com aquella mania, que tantas vezes lhe censurei, de julgar que as coisas se provam. Nada

se prova senão para ter a hypocrisia de não afirmar. O raciocinio é uma timidez — duas timidez talvez, sendo a segunda a de ter vergonha de estar calado.

Ideal esthetico, meu querido José Pacheco, ideal esthetico! Onde foi essa phrase buscar sentido? E o que encontrou lá quando o descobriu? Não ha ideaes nem estheticas senão nas illusões que nós fazemos d'elles. O ideal é um mytho da acção, um estimulante como o opio ou a cocaina: serve para sermos outros, mas paga-se caro — com o nem sermos quem poderíamos ter sido.

Esthetica, José Pacheco? Não ha belleza, como não ha moral, como não ha formulas senão para definir compostos. Na tragedia physico-quimica o que se chama a Vida, essas coisas são como chammas — simples signaes de combustão.

A belleza começou por ser uma explicação que a sexualidade deu a si-propria de preferencias provavelmente de origem magnetica. Tudo é um jogo de forças, e na obra da arte não temos que procurar «belleza» ou coisa que possa andar no goso d'esse nome. Em toda a obra humana, ou não humana, procuramos só duas coisas, força e equilibrio de força energia e harmonia, se V. quizer.

Perante qualquer obra de qualquer arte — desde a de guardar porcos á de construir symphonias — pergunto só: quanta força? quanta mais-força? quanta violencia de tendencia? quanta violencia reflexa de tendencia, violencia da tendencia sobre si-propria, força da força em não se desviar da sua direcção, que é um elemento da sua força?

O resto é o mytho das Danaides, ou outro qualquer mytho — porque todo o mytho é o das Danaides, e todo o pensamento (diga-o ao Fernando) enche eternamente um tonel eternamente vazio.

Li o livro do Botto e gosto d'elle. Gosto d'elle porque a arte do Botto é o contrario da minha. Se eu gostasse só da minha arte, nem da minha arte gostava, porque vario.

E, à parte gostar, porque gosto? É sempre mau perguntar, porque pode haver resposta. Mas pergunto — porque gosto? Ha força, ha equilibrio de força, nas *Canções*?

Louvo nas *Canções* a força que lhes encontro. Essa força não vejo que tenha que ver com ideaes nem com estheticas. Tem que ver com immoralidade. É a immoralidade absoluta, despida de duvidas. Assim ha direcção absoluta — força portanto; e ha harmonia em não admittir condições a essa immoralidade. O Botto tende com uma energia tenaz para todo o immoral; e tem a harmonia de não tender para mais coisa alguma. Acho inutil metter os gregos no caso; grego se veria o Fernando com elles se elles lhes apparecessem a pedir-lhe contas do sarilho de estheticas em que os mettu. Os gregos eram lá esthetas! Os gregos existiram.

A arte do Botto é integralmente immoral. Não ha cellula nella que esteja decente. E isso é uma força porque é uma não-hypocrisia, uma não-complicação. Wilde tergiversava constantemente. Baudelaire formulou uma these moral da immoralidade; disse que o mau era bom por ser mau, e assim lhe chamou bom. O Botto é mais forte: dá á sua immoralidade razões puramente immoraes, porque lhe não dá nenhuma.

O Botto tem isto de forte e de firme: é que não dá desculpas. E eu acho, e deverei talvez sempre achar, que não dar desculpas é melhor que ter razão.

Não lhe digo mais. Se continuasse, contradizer-me-hia. Seria abominavel, porque talvez fôsse uma maneira (a inversa) de ser logico. Quem sabe?

Relembro saudosamente — aqui do Norte improficuo — os nossos tempos do *Orpheu*, a antiga camaradagem, tudo em Lisboa de que eu gostava, e tudo em Lisboa de que eu não gostava — tudo com a mesma saudade.

Saudo-o em Distancia Constellada. Esta carta leva-lhe a minha affeição pela sua revista; não lhe leva a minha amizade por si porque V. já ha muito tempo ahí a tem.

Diga ao Fernando Pessoa que não tenha razão.

Um abraço do

camarada amigo

ALVARO DE CAMPOS

Newcastle-on-Tyne,

17 Outubro 1922

LITERATURA DE SODOMA

O sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal

SENHORES meus, nunca eu me vi em tamanha atarantação!... Aqui muito á puridade lhes confesso, coração nas mãos, penna emperrada e hesitante, que não sei como demonio heide começar este artigo e, — o que é muito péor! — nem mesmo chego a decidir comigo se o devo ou não lançar á publicidade... Aqui tem os leitores da *Contemporanea* um assumpto de que é urgente falar, mas que requeria um canto absolutamente isolado, como as salas escondidas de certos museus por esse mundo de Christo... O que lhes tenho a dizer abonam-no a voz de Deus, a prosa candente e viril do Apostolo das Gentes, a saude do corpo e do Espirito; estão comigo as regras inviolaveis da natureza e os ensinamentos inflexiveis da razão humana quando despida de romantismos de qualquer especie, a Razão que actua sobre a sensibilidade e d'ella é capaz de se tornar absoluta dominadora... Mas, Deus do ceu! não é comtudo verdade tambem, haver assumptos repugnantes que se podem facilmete tornar pedra d'escandalo — e ai de quem dér escandalo! ameaça a voz divinamente candida de Nosso Senhor pela bocca dos seus evangelistas! — assumptos que, tratados com a largueza necessaria, podem redundar em reclame a obras de maldição, attenta a morbidez da humana curiosidade nestes tempos de transição, em que a imunda teoria dos vícios pretende encovar a alfurja por entre as ruas floridas da mocidade?... Valha-me Deus, que nem eu sei como a minha consciencia hade traduzir para o papel o que é urgente afirmar — para collocar as coisas no logar devido, para desviar de sobre a minha geração, aquellas imputações nefandas que o seu silencio poderia suscitar, mas que o seu culto da serena e divina Beleza em absoluto condemna e repelle...

Preciso falar-lhes de Sodoma: que os anjos enviados por Deus a casa de Lot abstraiam da minha indignidade e me acompanhem na repugnante travessia...

... Que Nosso Senhor seja comigo!...

VISAVA a fóros de enorme retumbancia entre os moços da geração que ora passa, o artigo — sophisma que o sr. Fernando Pessoa, cultivando a *blague* com amor e o escandalo com dedicacão, ha semanas publicou nesta revista, feita expressamente para gente civilisada e para civilisar gente. Mas, a escandaleira politica dos ultimos tempos levou de vencida o doentio proposito do novel escriptor e eu acharia justo remette-lo ao esquecimento se, por má ventura, elle não houvesse ficado arquivado para leitura de todo o momento nas paginas d'arte d'esta revista paragente civilisada...

Entre os novos tornou-se já um estafado logar commum o indicar o nome do sr. Fernando Pessoa como um dos mais representativos entre os valores da minha geração. Não serei eu quem conteste a verdade de tal afirmativa, antes a confirmo com a minha nenhuma auctoridade, e é exactamente por isso que me espanto com as turbas vendo-o enfileirar entre os symphonistas dos fedores, remecher, ás mãos ambas e plenas, os escorralhos nauseantes da esterqueira romantica, olhar com amorosa complacencia o pús literario dos ultimos gafados. Sequioso de ineditismo, pescou do justo esquecimento um livro sem arte nem belleza e como, nessa miseria impressa, fosse claramente feita a apologia daquellas aberrações sexuaes que levaram Deus a

sepultar Sedoma e Gomorrha sob um diluvio de fogo e enxofre, o sr. Fernando Pessoa, sacudiu de sobre o livro a poeira espessa que o encobria, pendurou-o nas primeiras protuberancias lunares que se lhe antolharam, falou-nos do culto da Beleza entre os Gregos e, com toda a imponencia — aquella imponencia que lhe dá a admiração que todos os novos lhe dedicam — proclamou *ore rotundo*, que o auctor daquella escurrecencia literaria é o unico entre os portu- guezes a quem o titulo d'esteta póde caber.

Um triste sorriso d'ironia e de piedade — eis o que devêra provocar sempre a leitura das paginas geradas pelo espantoso lapso mental do sr. Fernando Pessoa. . . Não concorrendo no livro que tanto o entusiasmo qualidade alguma que o recommende á admiração dos estetas — de tal modo escassearam no seu auctor facultades de realização literaria, tão pobre é o seu conteúdo mental, tão chatas e languescenas as suas construcções podalicas — forçoso será concluir que a intrusão dos Gregos no arrazoado panegyrista do sr. Fernando Pessoa, apenas é devida ao facto de o livro referido sêr uma torpe exhibição do amor thracio.

E' realmente desolador que o sr. Fernando Pessoa não tenha respeito pela sua propria intelligencia. . . Por justa consideração para com o sr. Fernando Pessoa de hontem, responde- mos ao sr. Fernando Pessoa de hoje, e façamo-lo — para desviar suspeitas de parcialidade — não á luz dos nossos principios religiosos e moraes, mas sim ajudado pelos principios da propria cultura helenica.



PONDO de parte tudo quanto no seu artigo nos diz sobre os criterios d'imperfeição e o ideal helenico, — mero apontado de coisas boas e más, que para o caso não passa de simples farelorio, — admitamos o que Winckelmann, citado pelo sr. Fernando Pessoa, afirma e que reproduzo textualmente:

Como é confessadamente a belleza do homem que tem de ser concebida sob uma ideia geral, assim tenho notado que aquelles que observam a belleza só nas mulheres, e pouco ou nada se commo- vem com a belleza dos homens, raras vezes teem um instincto imparcial, vital, inato da belleza na arte. A pessoas como essas a belleza da arte grega parecerá sempre falha, porque a sua belleza su- prema é antes masculina que feminina.

Se me dá licença, acho o argumento d'aquelles que voltam os bicos contra o argumenta- dor. Em primeiro lugar, se muito são d'espírito não ousa expressar em publico a sua admira- ção pela belleza masculina é porque tem receio de que o confundam desastradamente com os amadores d'actos contra-natura, entre os quaes enfileira o proprio Winckelmann. Em segundo lugar, sendo a arte grega o culto da belleza plastica, e um perfeito concerto de harmonias e de linhas terrenas, a pèrros teria de se dar o sr. Fernando Pessoa para me convencer de que os seus *estetas* possuem esse culto, sentem esse concerto. Se me dá licença, repito, o argumento invertido: para d'isso nos capacitarmos bastará ler o livro do seu panegirizado. Uma coisa é ter veneração pela belleza plastica, como na maioria dos gregos; e outra, inteiramente diversa, é a impulsão genesica, seja ella hetero ou homosexual. Um corpo d'athleta, aonde se verifiquem perfeições d'estatua grega, é uma coisa bella, incontestavelmente bella, como obra da sabedoria divina. Mas, por ventura os individuos que, pathologicamente, se desviam da contemplação da belleza masculina e se deixam levar pela onda ascorosa do desejo invertido, porventura esses serão estetas, na sentido puro e insofismavel da palavra? Acaso esses *réus do nefando*, — como o Santo Officio justiceiramente os apelidava — acaso elles teem o culto da belleza plastica, á se- melhança dos helenos e no que elle possuia de mais elevadamente artistico? Por amor de Deus! deixemo-nos de hipocrisias! Para se ter o sentido da belleza fisica, mister se torna possuir tam- bem o sentido das proporções, o respeito pelas inflexiveis leis da natureza, ou — o que é muito mais elevado e filosoficamente christão — o culto pela obra de Deus, pelo que de perfeição Deus poz nessa obra, para nos dar uma ideia do que, de mais perfeito, nella poderia ter posto. Ora, o que a experiencia tem demonstrado a todos quantos estudam as profundas miserias sexuaes do todos os tempos, é que os taes estetas, na sua totalidade esfuriados pela pedicação, não pos- suem de modo algum o sentido da Belleza plastica mas unica e exclusivamente a tentação pela anomalia sexual. *E' esse o unico mobil do seu escandalo e só esse.* E a experiencia igualmente demonstra, ser rarissimo os réus do nefando escolherem cúmplice que participe das harmonias d'uma estatua grega: em geral, o patico escolhe um brutamontes, e é levado por um exame que a decencia me impede de apontar. Quanto ao cinedo, a sua escolha recae em individuos de compleição franzina e delicada que, pelo aspecto exterior, pelos modos, falas e acções, maca- queiam o sexo bello. Em qualquer dos casos teremos um criterio de escolha que não abona as tendencias helenicas dos taes estetas. Onde, pois, o culto da belleza masculina, se, em ambos os casos sujeitos, se lhe foge pela contrafacção? Será porventura estetico o culto pela bestialidade? Será acaso manifestação de entusiasmo pela belleza mascula e viril, o procurar no homem atri- butos femininos, atributos esses que, no caso em questão, por serem anti-naturaes e estarem deslocados, se caracterisam de ridiculo e de ignominia?

NOTE-SE desde já que, mesmo entre os gregos, e a despeito de tudo quanto o desvergonhamento de hoje nos queira fazer acreditar, o uranismo não se legitimava por culturaestética mas sim por aquellas allegações risíveis cujo relator foi Platão no seu *Symposion*. Para o celebre filosofo, não sendo o mundo físico objecto de sciencia, só poderia ser tratado por meio de fabulas ou de mythos, que elle desenvolveu com arte mas que, na phrase de Jacques Maritain, mais não servem do que para mascarar a impôtencia da sua doutrina perante a realidade corporal.

C'est dans ces mythes qu'il attribue la production ou plutôt l'organisation du monde à un demiurge — regardé par beaucoup d'interprètes comme distinct de Dieu et inférieur à lui — et qu'il expose cette étrange idée que tous les organismes vivants proviennent de l'homme: les premiers hommes produits par les dieux étaient du sexe masculin; ceux qui ont mal vécu ont été après leur mort changés en femmes, qui à leur tour, si elles ont continué à pécher, ont été changées en animaux sans raison et même peut-être en végétaux (1).

Assim, para o celebre discipulo de Socrates, o uranismo muito mais do que uma base puramente plastica, tinha uma base metafisica, asserção que não resiste a meia gargalhada. É a irrefragavel expressão da verdade é que, para os gregos, tanto a plastica feminina como a masculina eram igualmente bellas, se é que o não era muito mais a feminina porque entre elles o arbitro da formosura plastica estava symbolisado por um sêr feminino, a deusa Aphrodite, e não pelo outro sexo (2). Para os gregos, como para todos quantos possuam dez réis de miólos, o homem e a mulher eram bellos em si, materialmente, e incompletos em relação um ao outro: completavam-se na união hetero-sexual e quebravam essa harmonia na inversão. Foi assim que o comprehendem os gregos em questões d'estetica: o uranismo para elles, a despeito do lirismo das phrases de Platão no seu *Banquete*, era uma fórma de libido: instinctivamente, apesar das praticas vergonhosas a que se entregavam, despresavam-no, ou, pelo menos, não lhe conferiam fóros de culto pela virilidade porque, o termo que designa a miseria physica e moral a que se entregavam, provém de duas palavras: *paidos* e *erastes* — ou seja (que horrivel coisa ter de o escrever aqui!) as praticas eroticas com creanças.

Como se vê claramente, pelo que acima deixo escripto e transcripto, nem entre os gregos, nem tampouco entre os panegyrisados pelo sr. Pessoa, havia, na sua degradação sexual, symptoma algum de culto pela belleza masculina, culto esse que requeria absoluta pureza d'instincto e de ideias. E' que, tanto os helenos, como os seus mais directos herdeiros, os romanos, attribuam aos invertidos certas qualidades que não abonam absolutamente nada o tal culto pela belleza masculina. Nuns e noutros, e com referencia áquelles que não haviam corrompido o sentido da Belleza, era frequente a murmuração contra o vicio a que me refiro. E lançando mão da satira — quando não da sanção legal, como entre os Romanos pela celebre lei Scantinia — flagelaram sem piedade os uranistas. As poesias de Anacreonte e de Theocrito, que tamanha miseria exaltam, fazem-no em homenagem ao libido que lhes combure até ao inverosimel a apodrecida carcassa, e não nos apresentam como passivos senão individuos aonde se encontrem reflexos da belleza feminina. Impossivel é fazer citações das suas liricas porque a minha repugnancia fisica e os meus escrúpulos religiosos m'o prohibem totalmente. Quem se quizer certificar do que afirmo, mais não tem do que consultar as muitas traducções que, poetas com poucos pruridos de moral, se deram ao trabalho ingrato de elaborar.

Note-se ainda que, se entre os gregos, por deficiencias de toda a ordem, se não chegou a condemnar pela injuria, pelo agravo e pela sanção legal semelhante miseria, entre os Romanos, seus discipulos e aperfeiçoadores em tudo, os cinedos e os paticos foram objecto das mais cruas invectivas, e bastaria a leitura de Juvenal ou de Seneca para ficarmos fazendo uma ideia do tal culto estetico professado pelos individuos de que o sr. Pessoa se fez o desastrado panegyrista. Para o grande satirico latino, como para Seneca, todos os amadores passivos das inversões sexuaes não passam de contrafactores d'aquillo que nas filhas d'Eva é graça natural; teem como características principaes: olhar languido; passo indeciso; marcha sem porte viril; rosto effeminado; fragilidade, delicadeza de membros; cabellos soltos; molleza d'espírito; uso e abuso dos cosmeticos e perfumes; garridice do vestuario; aluvião de aneis nos dedos; requebro de sumeneios... E' pois, *malgré* a repugnancia que sentem pelo sexo fraco, a tacita confissão da superioridade feminina: é a natureza a tentar baldadamente, pôr tudo no seu logar, buscando não ser torpemente escarnecida! A inversão, nesses miseraveis, repudiando leis eternas, vae cair na entrudada vergonhosa da contrafacção dessas leis!... A malignidade dos sêres referidos vae até á suprema irrisão de nos querer pôr abaixo dos proprios irracionaes — que nem abusam do que lhes é natural, nem usam (a não ser por engano do instincto) do que lhes não é dado!

Se os estetas de que nos fala o sr. Pessoa não passam, afinal de contas, de rebotalhos d'uma geração; se nelles o culto da belleza masculina em nada mais consiste do que na ancia de satisfação d'uma carnalidade monstruosa, fóra de todas as leis da natureza e exemplificada

(1) Jacques Maritain, ELEMENTS DE PHILOSOPHIE. *Introduction générale à la philosophie*, Pag. 49. Paris, Pierre Téqui, libraire editeur, 1921.

(2) Os que defenderam a estulta afirmação de que, os Gregos, mais presavam a beleza masculina do que a feminina, vêr-se-iam em sérias affições para explicar o caso, (historia ou lenda, pouco importa) de os Heliostes terem absolvido Phrynea, acusada de um crime gravissimo perante o fóro helenico. Vendo em perigo a cabeça da sua constituinte, o defensor da celebre hetaira rasgou-lhe a tunica d'alto a baixo e desafiou os carrancudos juizes a que votassem á morte o corpo escultural que alli se exhibia inteiramente desnudado... E os Heliostes, vencidos, deslumbrados, não tiveram remedio senão absolver a loira Mnezarete... Facto ou lenda, mal parada fica em ambos os casos a preferencia pela beleza masculina entre os helenos...

nas mais ridículas mascaradas do desejo sexual, na mais bestialisante coprolalia; se para elles a Grecia não vale senão pelo uranismo — que não é esteticismo, nem é oriundo das bellas terras d'Homero, mas sim uma anormalidade erotica supurada em todos os tempos, todos os paizes, e em todos os paizes e tempos escarnecida, quando não amaldiçoada e punida — para que demonio vir a publico com a apologia indecorosa dum livro que só tem de especial o ser, em toda a acção da palavra, uma porcaria?

Culto da belleza? esteticismo á grega? Porque demonio é que o sr. Fernando Pessoa lhe não chama aquillo que todos, inclusivé o proprio autor, lhe chamam?

... A ideia que certos fabianos fazem do que seja criticar!...



Afinal de contas, tanto a imundicie publicada pelo sr. Pessoa como aquella que lhe deu origem, mais não são do que simples manifestações de podridão romantica. O Romantismo, rebellião do instincto contra a intelligencia, é de todos os tempos, como expressão de fadiga na organização intellectual, como impulso violento do individualismo contra a disciplina social. Vem de longes tempos: o proprio Platão, apesar de lirico defensor de paticos e cinedos, assim o comprehendeu. *Le souci de lutter contre le romantisme moral de son temps apparait fort net dans Platon, lorsque, de sa République idéale, il écarte les poètes, qui s'adressent à la partie «faible» de l'âme, à celle qui est susceptible d'illusions, et s'attendrit immodérément sur la misère humaine — à la sensibilité en un mot,* (1) escreve Ernest Seillière. E sempre foi a literatura o melhor vehiculo da miseria moral: desde as produções fescenninas da decadencia romana, até á imoralidade sentimental de varios romances de cavallaria; desde a Renascença com a sua degeneração pagã, passando pela miseria intellectual das gerações saídas de Rousseau até ao romantismo de esgoto de Zola, — o *Grand Fécal*, como lhe chama Léon Daudet, — ao que temos nós assistido senão á tendencia da Besta para se sobrepôr ao Espirito? Erasmo talvez não andasse muito longe da verdade quando afirmava que a Loucura era a rainha do mundo, tanto a civilização parece querer levar os homens para a inconsciencia, para a bestialidade. *Jugez de là s'il ne faut pas que la Folie soit un grand bien, puis que les Sçavans ont donné tant de louanges à son ombre seule & à son image. Horace qui s'appelle lui même un pourceau d'Epicure des mieux conditionnés, dit la chose plus naturellement lorsqu'il ordonne «de mêler la Folie avec la Sagesse». Il veut, je l'avoue, que cette Folie soit courte; mais en cela il n'en a pas plus d'esprit. Le même Poëte dit dans ses odes: «Qu'il est doux d'extravaquer à propos!» Et ailleurs, qu'il «aime mieux passer pour un homme en délire & sans nul talent, que d'être sage & enrager tout son saoul». Homère, qui donne tant de louanges à son Télémaque, ne laisse pas de le nommer quelquefois jeune étourdi; & les Poëtes tragiques donnent volontiers le même nom aux jeunes gens, comme s'il était de bon augure. Quel est le sujet de la divine Iliade? Ne sout pas les fureurs & les folies des Rois & des peuples? Ciceron n'a jamais pensé plus heureusement que lorsqu'il a dit: Que tout le monde était plein de fous». Or, vous n'ignorez pas que plus un bien est général, plus il est excellent.* (2)

Erasmo quasi que tinha razão... Que temos nós visto desde ha muito — e sobretudo nos ultimos duzentos annos — senão o instincto cego a rebellar-se contra a intelligencia, os pseudo sabios a escavacarem tudo com a sua ancia de reformas, os *humanitarios* a pregarem verdadeiras loucuras, e os homens de letras a secundarem a sua tarefa de morte e destruição? Se todo o mundo, ao contrario do que pretendia Cícero, não está cheio de doidos, não haverá nelle, comtudo, uma boa meia duzia de malucos a pretender tripudiar sobre a impassivel preguiça do resto? Este caso do sr. Pessoa e do seu panegyrisado é bem conclusente... Quem é que appareceu a protestar, — não contra o segundo porque esse é talvez o menos culpado — mas contra o primeiro que se tornou assassino da sua propria intelligencia, prestando-se a protagonista duma reles farçada de reclame?



Do arrazoado do sr. Pessoa se conclue que apenas serão estetas em Portugal os paticos e cinedos. Portanto quem quizer ser esteta, forçoso será que se entregue a actos contra-natura. Semelhante teoria, bruta até ao exagero, visa á complacencia dos basbaques elegantes, e ao réclame pelo escandalo. Verdadeira miseria psychica em ambas as intenções, não me causaria espanto se proviesse dum celebre titular que o lapis de Bordallo Pinheiro justiceira e implacavelmente fustigou; que provenha porem dum individuo que se nos apresenta como intellectual, isso é que me causa um espanto doloroso como manifestação do que seja a critica em terras lusitadas. Se o sr. Pessoa, com toda a sua cultura, se nos revela como acabamos de vêr, que demonio se hade exigir dos chumecos que fazem critica nos periodicos?

O assumpto que, com tamanha repugnancia, aqui tenho tratado — a prosa da sr. Pessoa — revela-se-nos como mais uma exhibição patologica do desejo de fazer escandalo. E' o ultimo porventura dos symptomas da deliquescencia romantica em Portugal: trata-se duma subordinação do juizo á sensibilidade e, tanto pelo que respeita ao individuo em questão como ao seu panegirizado, os caracteres romanticos são absolutamente nitidos. Tanto num como noutro — e com a diferença apenas de que um tem talento e o segundo está sujeito á clinica da especialidade — o caso é absolutamente caracterizado. Como consequencia logica da subordinação da

(1) LA PHILOSOPHIE DE L'IMPERIALISME, vol. IV: LE MAL ROMANTIQUE, Introduction, pag. XIV. Plon Nourrit, editeur, Paris, 1908.

(2) L'ELOGE DE LA FOLIE, traduit du latin d'Erasme par M. Gueudeville, Nouvelle Edition, revue & corrigée sur le Texte de l'Édition de Bâle, M.DCC.LXXI. Pags. 187 e 188.

inteligencia á sensibilidade, ambos possuem — notada é claro a restricção que acima deixo — uma impressão obsediante de incompleto, de angustiosa solidão moral, de melancolia procurada, de excitação nervosa, de langores d'erotismo, de existencia descolorida, irreal, longinqua — as qualidades, exarcebadas é claro, da *Weltschmerz* dos românticos allemães, ou do *mal do seculo* da geração franceza de 1830. Entram em funcção, dum modo assolador e como unico recurso admissivel para ambos, as faculdades do seu subconsciente no fito de sobre ellas apoiarem o seu esforço d'expansão vital, donde um mysticismo invertido e irracional — para me servir da expressão de Ernest Seillière — e a qual conduz, como é obvio, ás peiores aberrações, á degradação ultima do ser humano. E ainda como ultimas características do seu marcado romantismo, (e todos sabem como a essencia do Romantismo se oppõe em absoluto ao ideal helenico) ambos se dão a *velleités passagères de retour aux inspiration rationnelles*, bem como ao *emploi fréquent du vocabulaire de la raison*; tem por vezes *le langage intermittent de la vertu, qui ne naît pourtant que d'un effort sur soi même, d'une discipline consciencie imposée aux propensions subconscientes du moi. Incapables de realiser l'acte raisonnable, ces impulsifs en conservent du moins le respect et en emploient le nom afin de farder à leur propres yeux les fantaisies de leur instinct.* (1) E' o caso de Winckelmann procurando coonestar, sob o protesto de helenismo, os vicios vergonhosos a que se entregava: é o de Byron e Chateaubriand, ambos incestuosos mentaes, se é que o primeiro o não foi por pensamentos, palavras e obras; é o de Theofilo Gautier na *Mademoiselle de Maupin*, e o de todos os criminosos literarios d'então para cá. A sua verborrágia, desmarcada e aberrativa, importa sempre um recurso ao sofisma e foi isso que observamos na prosa que motivou as linhas deste artigo. Como já fiz notar, nas lyricas tão presadas pelo sr. Pessoa (tão banaes como arte, como realisação plastica, santo Deus!) o que nos surge a cada passo são as apologias homosexuaes do auctor; culto da Beleza, como expressão de harmonia não existe nelle porque, para ser logico e absolutamente helenico, teria de pôr em equal plano a beleza feminina. Estamos pois em frente, repito, dum caso de putrescencia romantica: o auctor em questão é um romantico e não um romano; um fabiano como varios e não um grego da ultima hora; um debil d'espírito e jamais um ser inteligente; é um desventurado, se assim o quizerem, no qual se dissolveram por completo as faculdades superiores da inteligencia. E o recurso de ambos ao sofisma é a melhor prova da sua podridão romantica. *En effet, leur subterfuge le plus redoutable, parce qu'il est sincere, c'est de prendre et donner leur debilité physique et morale pour un excès de force, leur maladie comme une exubérance de santé. Illusion qui procède de cette maladie elle même!* (2) Não sei bem se, realmente, será sincero o subterfugio, conforme quer o illustre critico que me fornece estas achegas; o que eu sei é que, por cobardia e indolencia dos portugueses, a estes lhes tem sido feito nos ullimos cem anos toda a casta de judiarias mentaes por banda dos pseudo-pensadores!.. O receio cobardissimo de parecer retrogrado tem levado muito espirito a contemporisar com a Suburra intelectual, a permitir entre nós e em todos os campos, sem protesto quasi, as mais risiveis abstrusões; uma critica irremediavelmente cretina, encyclopedicamente ignorante, comodista, agnostica, — o seu agnosticismo vem não só da sua ignorancia como tambem do seu culto pelo vil metal — adoptando o criterio da arte pela arte como o mais proprio a deixar em paz e á vontade a sua ignorancia, o seu comodismo, a sua ganancia e a sua preguiça mental, uma critica tal como a acabo de caracterisar deu as melhores complacencias a tudo quando lhe apresentaram como novo e distinto. O resultado é a miseria politica e moral em que a Nação se debate.

Pouquissimos se lembram da maxima sublime de S. João Berckmans, *Ad meliora natus sum*; Deus não existe para esses animaes e, quando elles admittem a sua existencia é para subordinarem esse Deus ás misérias humanas de toda a casta! O Deus destes simios, a existir, seria equal a eles, e perfeita inutilidade portanto; ter-se-ia dado ao luxo de elaborar um código maravilhoso de conducta moral, mas sem se importar de que os homens o seguissem ou não. Tudo o que fizessemos sobre a Terra estaria bem: acabada a vida, por mais porca e abjecta que ella houvesse sido, teriamos na outra vida uma Biarritz aonde, logicamente, iriamos continuar a bella vidinha terrestre. Assim, pois, intelligencia seria synonymo de instincto desentreado; Christo não teria cá vindo fazer nada e os Apostolos não passariam duns respeitaveis massadores. D'aqui, guerra é Igreja, ás instituições politicas creadas pelos povos á sua sombrá; combate sem treguas ás ideias de ordem, de disciplina, de hierarchia; sobreposição do individuo á sociedade e, consequentemente ruina total do individuo, D'esse periodo miseravel a que Léon Daudet chamou *o estúpido seculo XIX*, ficou-nos um pantano; e aquillo que delle podermos salvar não lhe pertence. Pôdre nas ideias e nos factos, os seus miasmas chegam ainda até nós. Pierre Lasserre, definiu bem a podridão romantica, ao escrever:

Sensualisme des idées; métaphysique des émotions, materialisme mystique, bestialité lyrique, ainsi pourrait-on définir la tare, disons mieux: la pourriture romantique de l'intelligence (3). Já Goethe definia como classicismo a saude, e romantismo a doença!.. Não haverá no que acabo de citar materia que baste para definir o estado intelectual do sr. Pessoa? Pobre d'elle que ainda não comprehendeu ser a vida uma coisa tão seria que, nella, mais deveriamos pensar do que rir! A vida é uma simples e longa preparação e ha coisas de que não é licito zombar. E peor, muito peor se a nossa imaginação se agita continuamente entre os espelhos de Hostius Quadra... Será a ruina completa dum espirito, o emparceiramento com as coisas inuteis que são lançadas ao fogo... Quanto aos seus estetas, na vida terão o sarcasmo justiceiro de Jnvenal:

*Interea tormentum ingens nubentibus haeret,
Quod nequeunt parere, et parlu retinere maritus.*

... Mas, depois da morte, sr. Fernando Pessoa, o que será d'elles e de quem tiver desprezado traze-los á *diritta via*?

ALVARO MAIA

(1) Ernest Seillière, obra citada, Introduction, pag. X.

(2) Idem, idem pag. XII.

(3) Pierre Lasserre—LE ROMANTISME FRANÇAIS, pag. 170 Paris, Librairie Garnier, Frères.